

ENTREVISTADORA - RENY RASTOLDI MESQUITA - RRM  
ENTREVISTADA - MARIA JOSEPHINA RABELO ALBANO - MJRA

Dz. 1984

RRM - Aluna de mestrado da PUC, em preparo de dissertação, entrevistando a professora Maria Josephina Rabelo Albano, em busca de subsídios. Professora Josephina, gostaria que a senhora se identificasse, por favor.

MJRA - Não é preciso me chamar de senhora não. Bom, meu nome é Maria Josephina Rabelo Albano, faço questão de que seja com "ph" o Josephina. Você tem uma série de perguntas aqui sobre o assunto da sua tese, estudo do processo de organização da categoria profissional de Assistentes Sociais, de 36 a 53. Eu estive olhando aqui o seu questionário, aliás, seus temas, e eu acho que a minha contribuição vai ser muito reduzida, porque nessa época, em 36, foi quando foi fundada a primeira Escola de Serviço Social, aqui no Rio, não é isso? Até 53. Bom, nessa época eu estive muito tempo fora do Brasil, trabalhando tanto na Organização dos Estados Americanos, como nas Nações Unidas; Fiquei também fazendo mestrado fora do Brasil, de modo que eu não participei diretamente nessas associações, nessa época. Mas, eu tinha informação, claro, pela correspondência com os colegas, e toda vez que eu vinha ao Brasil, participava de reuniões, me inscrevia nessas associações, mas eu não posso lhe dar informações detalhadas sobre o assunto, porque, como já disse, não participei. A primeira pergunta sua é: Exigências às quais as Escolas de Serviço Social atendiam nos seus primórdios. Como você sabe, a primeira Escola de Serviço Social - o Instituto Social - foi criado em 36. Então a preocupação na criação das Escolas, das exigências na Escola, era justamente a necessidade de Assistentes Sociais no Brasil, e especificamente no Rio de Janeiro, de modo que a escola estava voltada para a realidade do Rio, não só em aulas como em trabalhos práticos. Nós tomávamos consciência de qual era essa nossa realidade. Tinha uma programação muito detalhada sobre visitas a áreas do Rio de Janeiro; áreas periféricas do Rio de Janeiro e Instituições para que nós tomássemos consciência da realidade nossa, e dos trabalhos que nas aulas teóricas essa relação era feita. Agora, o Mercado de Trabalho não se cogitava porque como não havia a profissão, não havia o profissional, o Mercado de Trabalho estava aberto para nós, e quantos Assistentes Sociais houvessem, haveria trabalho para elas, ~~permanentes~~. Eu mesma antes de me formar já tinha sido contratada para trabalhar no Juizado de Menores, de modo que isso não era problema. Quer fazer alguma pergunta em relação a esse primeiro ponto...

RRM - Tudo bem.

MJRA - Não tem mais nada que você queira saber?

RRM - Não.

MJRA - Bom, Associações Profissionais de Assistentes Sociais, as que surgiram no período de 36 a 53, razões do surgimento das primeiras idéias de Associação Profissional. Antes dessa Associação foram criadas associações de ex-alunos de algumas Escolas de Serviço Social. Havia, é importante que se lembre, que no início, nessa época, quando as Escolas de Serviço Social foram fundadas, havia assim uma atitude muito dividida entre as Escolas. Nós alunos do Instituto Social considerávamos que "só nós sabíamos o que era Serviço Social, e havia uma separação entre o Instituto Social e as outras Escolas de Serviço Social, porque nós não considerávamos nem... considerávamos que as outras Escolas, como a Escola da Dona Esolina e a Escola da Dona Terezita, tinham passado para nós essa idéia, de que não era Serviço Social o que eles aprendiam e logo nós achávamos que os formados por esses cursos não eram Assistentes Sociais. Até em reuniões quando apareciam pessoas de todas, das várias Escolas era uma situação muito desagradável de concorrência, de desentendimento entre essas Escolas. Então foram criadas, como você já sabe, foi lá criada uma das antigas alunos da Terezita, em que ano?

RRM - 1943.

MJRA - Pois é, e na mesma época, alias em 42, algumas alunas, ex-alunas do Instituto Social pensaram em criar uma associação de ex-alunas do Instituto Social, não sei se foi antes fundada a da Terezita, ou se foi por causa de ter sido fundada a da Terezita, o que eu sei é que eu estava fazendo mestrado nos Estados Unidos e tive notícia de que os antigos alunos do Instituto quiseram fundar uma associação. A Mademoiselle Marsaud tinha assim um... gostava muito de mim porque eu tinha sido a primeira aluna da Escola de Serviço Social, primeira aluna inscrita, e tinha ido fazer mestrado fora, então ela me considerava assim, sei lá, coisa especial, e eu tive conhecimento de que quando as antigas alunas do Instituto Social quiseram fundar essa associação ela disse: "- Não, não fundem não. Tem que esperar que a Josephina volte dos Estados Unidos." O que foi um negócio muito antípatico, quer dizer, como reação, porque algumas, com muita razão ficaram magoadas com isso. Eu sei que quando eu voltei dos Estados Uni-

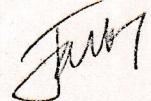
JKM

dos, terminei meu mestrado em 43, no início de 43, encontrei esse ambiente muito desagradável, mas no <sup>7</sup> se fundou essa associação de antigos alunos do Instituto Social, e não sei se se chamava Associação de Assistentes Sociais ou de Instituto Social, não sei nem como era chamado. Eu me lembro que nós nos reunimos na casa da... <sup>Maria Luiza Fontes Ferreira</sup> como é que se chama aquele que foi minha colega a... Arlete, que se casou <sup>Elisa</sup> com <sup>eu</sup> ... que morreu... a primeira turma, era Elisa, Margarida, <sup>eu</sup>... Heloísa e eu... Maria Luiza Fontes Ferreira, foi feita até a reunião na casa dela, Maria Luiza Fontes Ferreira, em Copacabana para fundar esse associação. Me lembro, Célia Câmara estava presente, me lembro de outras pessoas... mas, estávamos todas já formadas naquela época. E aí se fundou. O objetivo era justamente garantir que o profissional de Serviço Social fosse bem preparado, era defender a idéia do que era o Assistente Social, do que era o Serviço Social. Foi em 43 como eu disse, e desapareceu quando foi fundada a ABAS, porque a ABAS também foi criada pelo pessoal formado nas Escolas de Serviço Social, formado no Instituto Social. Era também muito elitista, era o grupo do Instituto Social, os associados eram aqueles que estudavam no Instituto. Relação com outras associações na época, a outra associação era a da Terezita, nem pensar, nós não tínhamos associação <sup>alguma</sup> nenhuma. Com outros profissionais a gente não cogitava disso. A ABESS também não existia na época.

RRM - A ABESS foi de 46; ela já tinha terminado.

MJRA - Pois é, não existia absolutamente nessa época. Âmbito de ação da entidade, era somente os antigos alunos do Instituto Social. Realização no sentido da organização profissional. Esse grupo foi o grupo que formou a ABAS, isso aqui foi uma pré-ABAS, se poderia dizer. Vamos ver aqui o quarto: Relação entre o trabalho do Assistente Social, e a educação sindical desde a década..., isso aí não tenho nada a dizer, porque a minha área de atuação, nessa época, quando eu estava no Brasil foi o Juizado de Menores a Legião Brasileira de Assistência não tinha... e mesmo quando nós trabalhávamos no SESI não tínhamos relação com educação sindical, com sindicatos e tampouco com educação sindical. Cinco: As influências no processo de reconhecimento profissional dos Assistentes Sociais, o reconhecimento profissional. Essa parte toda... eu sei que os Assistentes Sociais, na época os mais atuantes, elaboraram documentos sobre o reconhecimento da profissão e tiveram trabalho muito ativo junto aos órgãos do governo, eu acho que é o Ministério do Trabalho, para que a profissão fosse reconhecida nas suas divisas, como eu diria, valor. E eu me lembro daquela redação to-

da, do que é o Assistente Social, qual a especificidade do Assistente Social, tudo isso eu sei que foi feito e debatido muito, agora eu não segui. Nessa época, era muito ligado o Assistente Social formado e a Escola de Serviço Social, havia assim uma relação muito estreita, porque os formados lecionavam na Escola, ou davam supervisão, de modo que era um grupo muito homogêneo, a comunidade de Serviço Social do Instituto Social era um negócio assim muito ligado. Então esse pessoal todo, tanto o pessoal de escola quanto o pessoal que estava na prática, todo esse grupo deu uma contribuição muito valiosa para o reconhecimento da profissão. Agora, eu não saberia dizer a você o que nem quem. Nós não estávamos preocupadas com o Mercado de Trabalho. Engraçado nós estávamos preocupadas com a pureza do Serviço Social, a gente tinha muito medo que cursos e escolas sem a devida orientação tecno-científica deturpassem o que é a profissão do Serviço Social. Então isso é que nos preocupava muito, não o Mercado de Trabalho, não era que viesssem roubar os empregos da gente, não porque havia emprego. Então era excessiva nossa preocupação do que deveria ser o Assistente Social, não só como preparo técnico e fundamentação teórica e tudo mais, mas como atitude. Nós considerávamos que o Assistente Social era um profissional que devia ter uma atitude muito especial. Eu me lembro que nesses primórdios em 30, 1936 justamente, nós fíamos visitar obras sociais e Mademoiselle Marsaud escrevia no quadro: "Amanhã visita a obra social", e escrevia em francês que todas viesssem com chapéu, luvas e meias, e nós fíamos com chapéu, luvas e meias em 1936. Quer dizer, era um profissional, que o trabalho desse profissional, merecia todo respeito daquele profissional. Então a gente tinha que ir, não com luxo, mas bem apresentada. Em relação a visitas à favelas, me lembro visitas à fábricas, ela fazia muita questão da atitude da gente, e a roupa, a vestimenta denota muito a atitude da gente interior. Então o Assistente Social era um profissional que se respeitava e portanto inspirava respeito, esse lado é que era muito zelado, além do preparo técnico, nós tínhamos os melhores professores do Rio de Janeiro, tudo que havia de melhor. Nós tínhamos cursos sobre comunismo, eu me lembro muito bem, o Freud tinha... todas essas coisas que eram novidades naquela época, e toda parte de, por exemplo, de família, cursos de família, não só a importância da família, mas toda parte por exemplo de limitação de natalidade, nós tínhamos cursos sobre isso em 36.



MJRA - Em 36, eu me lembro muito bem. Me lembro até de uma aluna que ficou tão chocada que pediu para ser dispensada, ela era educadora familiar, porque naquela época educadoras e Assistentes Sociais tinham algumas aulas juntas. Nós tínhamos um médico dando informações detalhadas de tudo, então era muito avançado o curso, muito avançado. Nós achávamos então que esse tipo de profissional tinha que ter esse tipo de orientação, de educação, de formação.

RRM - Você diria que as escolas daquela época, elas se preocupavam com o nível de aprofundamento maior de ensino do que a atual?

MJRA - Eu diria que a abrangência nossa de ensino era muito maior de conteúdo, muito maior. E havia também uma atitude de missão, uma atitude assim... não era uma simples profissão para ganhar dinheiro, era um negócio muito mais sério, a gente pensava mesmo que a gente tinha uma, como eu diria, uma obrigação de influenciar na sociedade para modificar, para melhorar, era assim um negócio que eu acho que falta muito hoje, quase mística, não gosto muito da palavra mística mas é. A profissão era um movimento, era uma coisa muito mais profunda que uma simples profissão. O Serviço Social era um movimento, muito mais que uma simples profissão. Não sei o que mais que eu posso dizer?

RRM - Eu gostaria que você falasse da sua experiência profissional, os locais que você trabalhou, os cursos também que você fez?

MJRA - Bom, eu me matriculei no Instituto Social, que foi a primeira escola de Serviço Social no Rio de Janeiro. Eu fui a primeira aluna a se matricular na escola. Porque eu fui fazer Serviço Social? Porque a Dona Stela Faro ~~começou a achar que era a criação da primeira~~ criou a primeira escola de Serviço Social, foi colega de turma, no colégio Sion, de minha mãe, e se encontrou com a minha mãe e disse assim: "Você tem alguma filha que esteja disponível para vir para uma escola que eu estou fundando?", e minha mãe disse assim: "Têm uma que acabou de se formar no ginásial". Aí ela deu o programinha, educadora de um lado Assistente Social do outro, com as matérias, eu achei as matérias muito interessantes, tinha filosofia, tinha sociologia, tinha psicologia, tinha trabalhos com pessoas, trabalhos com comunidades. E eu achei aquele negócio muito interessante. Eu estava na universidade fazendo história e geografia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, não estava muito contente, eu queria uma coisa de mais ação. Então fui lá, gostei, me matriculei e fiz concomitantemente os dois

cursos, quer dizer licenciatura em história e geografia e fiz o Serviço Social. Quando terminei em 38, o juiz de menores, que era professor de legislação do menor na Escola de Serviço Social, me contratou para trabalhar no Juizado de Menores, assim que, quando eu me formei fui logo trabalhar no Juizado de Menores. Não havia Assistente Social no Juizado, naquela época, Dona Maria Esolina havia trabalhado lá uma época anterior. Meu trabalho era entrevistar aquelas famílias que tinham problemas e queriam internar seus filhos, e eu então entrevistava, fazia um estudo do caso e apresentava ao juiz, ele então deliberava sobre a necessidade ou não de internação. Isso foi em 38, em 41 eu me candidatei a uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, e consegui a bolsa e fui fazer o mestrado de Serviço Social na Escola de Serviço Social do New York School of Social Work, na Universidade de Columbia, e lá fiz 41 e 42, voltei no começo de 43. Quando eu voltei em 43, foi durante a guerra, Dona Darci Vargas havia fundado a Legião Brasileira de Assistência, e havia convidado Dona Anita Carpenter Ferreira para trabalhar com ela. Então Dona Anita Carpenter pediu à Dona Stela Faro, da Escola de Serviço Social, uma Assistente Social para trabalhar com ela, porque ela se considerava, não conhecedora do campo social, então eu fui trabalhar com Dona Anita na Legião. Nós trabalhávamos com o menor e com obras sociais, também porque nós criamos um departamento de obras sociais, e trabalhávamos com obras sociais, orientávamos essas obras e a Legião dava financiamentos a programas de melhoramentos dessas obras sociais. Então isso foi de 43 até 46, em 46 eu fui para os Estados Unidos novamente fazer um curso no campo do trabalho, isto é, o trabalho da mulher e do jovem, Nós fizemos um treinamento com algumas palestras, mas muito trabalho prático, Vitando os programas de assistência à mulher trabalhadora e ao menor trabalhador. Também nessa época depois que eu terminei esse treinamento, fiz alguns cursos, mais cursos na Universidade de Columbia na área já de doutorado. Isso foi em 46 começo de 47, estive lá mais ou menos uns oito ou dez meses. Voltei para a Legião, aí em 47 as Nações Unidas me convidou, a Organização das Nações Unidas me convidou para ser assessora do governo das Filipinas, foram as primeiras assessoras das Nações Unidas, que foram enviadas a um país, no campo social, nós fomos quatro Assistentes Sociais para as Filipinas para assessorar o governo, foi depois da guerra, as Filipinas tinham sido ocupadas pelos japoneses. E nós fomos quatro Assistentes Sociais, uma francesa, uma australiana, uma americana e eu. Cada uma trabalhou numa área. Não havia Escola de Serviço Social naquela época nas Filipinas, então meu trabalho foi treinar e formar

Zulu

Assistentes Sociais, para as obras de bem-estar social que estavam sendo reorganizadas. Então eu dei cursos pelo interior das Filipinas e oitenta e cinco por cento do pessoal que estava trabalhando em obras sociais ou ia trabalhar, cursaram cursos intensivos <sup>que dava</sup> nas várias regiões das Filipinas. Voltei de lá em 48, aí eu fui trabalhar no SESI. O SESI tinha acabado de ser criado, e o doutor Vitor Tavares Moura me convidou para trabalhar com ele, e nós organizamos o Serviço Social. E nós estávamos muito preocupados com a criação do SESI naquela atitude de ser bonzinho com os trabalhadores, havia uma luta muito grande, os trabalhadores reivindicando melhores salários, melhores condições de trabalho, e o SESI foi criado para dar assistência ao trabalhador, mas uma atitude muito paternalista, que na nossa opinião era justamente para calar o trabalhador, nós já tínhamos consciência disso naquela época. Então eu tinha a ilusão de que nós podíamos transformar o SESI de dentro para fora, por isso nós fomos trabalhar lá, organizamos o Serviço Social, fizemos vários documentos sobre o que era o Serviço Social naquela época, nós trabalhávamos não só nos centros sociais, como em ~~fábricas~~ e ~~com parte da~~ educação do trabalhador, aí tinha ~~vocação~~ sindical, mas isso tocava muito de leve, porque essa era uma associação de patrões, não se podia muito falar nessas coisas. Também ~~em~~ organizações dos Assistentes Sociais junto às empresas, organizando plantões ou pequenos núcleos de Serviço Social ~~na empresa~~. Aí nós ficamos até 52, em 52 nós fomos convidados para dirigir a seção de Serviço Social da União Panamericana, que era a Organização dos Estados Americanos. Nós fomos para lá e ficamos lá na Organização dos Estados Americanos sete anos, de 52 a 59, ~~e~~ <sup>o</sup> meu trabalho era visitar os países membros, isto é, toda América Latina, e dar cursos, ajudar, assessorar as Escolas de Serviço Social, ~~assessorar~~ obras sociais. Eu dei cursos na Venezuela, dei cursos no Paraguai, no Chile, na Colômbia várias vezes, não vou entrar em detalhes. Sei que estive lá ~~esses~~ sete anos e ~~em~~ 59 voltei para o Brasil. Bom, toda essa época, eu me esqueci de dizer, desde que eu me formei em 38, que eu sempre trabalhei e lecionei na Escola de Serviço Social, porque eu me formei em 38 e já no ano seguinte a Mademoiselle Marsaud me convidou para lecionar, e eu ensinava ~~um~~ ~~negócio~~ que ~~chamava-se~~ Técnicas de Serviço Social, o que era isso? Era ensinar a fazer ficha, folha de rosto, fazer relatório, abrir prontuário de Assistente Social ~~e~~ ~~toda~~ a documentação, era isso que eu ensinava, primeira matéria. Depois eu ensinei casos, ensinei grupos, ensinei comunidade, Serviço Social do menor, Serviço Social no trabalho, passei tudo até Política Social, ultimamente em ~~em~~. Sempre trabalhei e lecionei, fazia questão disso, toda vez que eu estava no Brasil

July

sil, a Escola me chamava e eu lecionava na Escola, e fora do Brasil todos os lugares ~~que eu~~ <sup>pr</sup> ~~onde~~ passei sempre foi no campo de formação do Assistente Social. Em 59 eu fui contratada pelo Estado, porque como eu tinha feito aquele curso que eu te falei, aquela licenciatura em história e geografia, nós por lei devíamos ser contratados pelo Estado, para lecionar história e geografia no Estado do Rio de Janeiro, naquela época era Distrito Federal. Não fomos contratados e meus colegas entraram na justiça e ganharam, então quando eu voltei em 60, estava nomeada pelo Estado para lecionar história e geografia no Estado. Aí o José Artur Rios pediu ao Lacerda, que era governador naquela época, que ao invés de ensinar história e geografia, que eu viesse trabalhar com ele. Então fui dirigir o Departamento de Assistência Social do Estado, e trabalhando com as obras sociais, todo esse tipo de programa, e também trabalhando muito com favelas, porque com a associação de moradores, tinha um grupo grande de Assistentes Sociais que iam às favelas dar assessoria ao pessoal que queria formar associações de moradores, e uma vez por semana os favelados iam a uma reunião grande com o Rios, ele tinha os secretários presentes, os auxiliares, e os favelados diziam o que precisavam, e os técnicos iam anotando para visitar e ver o que é que se podia fazer para ajudar essas populações. Antes do Lacerda sair ele me transferiu para a Universidade do Estado da Guanabara, então ao invés de ficar como professora de história e geografia, eu passei para a Universidade para lecionar na Escola de Serviço Social. Antes disso começaram os programas de habitação na Vila Kennedy, Vila Esperança, Vila Aliança. Nós começamos a fazer aquele trabalho também de estudo de populações das favelas, para verificar a oportunidade de transferir essas famílias para as vilas. Aliás foi um trabalho que precisava se escrever alguma coisa, porque estava muito criticada esta chamada ~~remoção~~ <sup>relocação</sup>. O Serviço Social foi mesmo um trabalho muito bom, no sentido de que só iam para as vilas as pessoas que queriam de fato ir para as vilas. Quando foi criado o novo programa de ~~educação~~ <sup>habitação</sup> que hoje é do BNH, nosso trabalho ~~era~~ <sup>era</sup> de interpretar para as famílias o compromisso que elas assumiam, saber se elas tinham possibilidade financeira de assumir. O que acontece é que depois do meio do caminho, mudaram todas as regras do jogo, e foi assim esse ceticismo que está aí. Mas na época, no início a coisa foi muito séria, foi feita com muito amor, e o Assistente Social humanizou muito esse trabalho. Daí eu fui trabalhar no SERFAU - Serviço ~~Especial~~ Federal de Habitação e Urbanismo - em que eu era assessora em desenvolvimento da comunidade, justamente orientando os Estados quanto a programas de desenvolvimento da comunidade nas vilas de casas de baixo custo. Mas nessa época houve um movimento dentro do SERFAU para criar o Centro de Pesquisas Habitacionais, e foi

19

criado o CENPHA, foi a PUC, o SERFHAU e o BNH, esse centro foi criado aqui, ~~até~~ funcionando no PUC-RJ, ~~e eu~~ fui convidada pelo presidente do BNH para dirigir esse centro. O centro fazia, como disse pesquisas habitacionais ~~no ponto de vista de~~ técnica de construção, e ~~no ponto de vista de~~ material de construção, todo aspecto social da habitação. ~~Então~~ nós fazíamos pesquisas para orientar os programas de habitação. Nós organizamos o CENPHA, que teve uma atuação muito boa no início, técnicos vieram de fora, fizemos cursos de formação de pes-  
soal e tudo isso. Mas tivemos uma dificuldade logo depois do primeiro ano com o BNH, porque o BNH financiava, a PUC dava as instalações, e o BNH financiava, então o BNH tinha interesse que se fizessem pesquisas para mostrar o valor dos programas orientados pelo BNH, e nós achávamos que devíamos fazer pesquisas críticas, para justamente melhorar esses programas, porque as vilas estavam sendo criadas pelo Brasil afora, com um programa único ditado do Rio de Janeiro, para o Brasil inteiro, nós queríamos avaliar isso tudo. Não havia interesse do BNH de se fazer essa avaliação crítica, então não davam a ajuda finan-  
ceira e o trabalho não podia ser feito. Aí eu pedi demissão da dire-  
ção do Centro e continuei como assessora lá, trabalhando até 73. En-  
tão em 73 eu saí do BNH e fiquei seis meses desempregada, eu já tinha me aposentado pelo Estado, e me lembro que quando levava meu currícu-  
lo as pessoas diziam assim: "Seu currículo é bom demais para tra-  
balhar nessa obra". Era aquela situação muito desagradável. Aí eu fui contratada por uma associação particular chamada Italoconsult, que era uma organização italiana, que dava assessoria no campo de habitação e urbanismo, ~~e eu~~ fui contratada como assessora no campo social, Assis-  
tente Social de Habitação e Urbanismo. O projeto ~~que nos tínhamos~~ que era o estudo da cidade de La Paz e da cidade de Cochabamba na Bolívia. ~~Então~~ nós fomos para lá e fizemos um estudo, nos aspectos sociais, e contratamos, entrevistamos pessoas para contratar Assistentes Sociais locais, para ficarem fazendo esse trabalho, nossa parte foi mais só de abrir caminho, e nós selecionamos os Assistentes Sociais para faze-  
rem esse trabalho. Nós só ficamos seis meses, porque nós fomos convidados para trabalhar no Centro de Documentação para América Latina, e era uma organização particular, o centro de documentação que foi criado na Bélgica, por um jesuíta chamado padre Alejandro del Corro, mui-  
to amigo nosso. Eu me esqueci que em 72 eu tinha ido à Inglaterra, se-  
is meses estive lá, fazendo um curso na Universidade de Londres, so-  
bre aspectos sociais de habitação e urbanismo. De lá então eu fui até a Bélgica e trabalhei nesse Centro, com esse jesuíta, como voluntária.

Centro de Documentação para América Latina

JW

Quando esse Centro foi transferido para a Venezuela eles me convidaram para trabalhar com eles. Isso foi em 73, novembro de 73, ficamos dois anos na Venezuela trabalhando nesse Centro, na área da documentação do Centro era social, religiosa e política. O objetivo do Centro era reunir documentação de primeira mão da América Latina, nessas três áreas, para divulgar, porque na época, em 60/70, a maioria dos países da América Latina estavam dominados por ditaduras militares, e a documentação da luta do povo contra essa ditadura não era conhecida. Então nós recebíamos diretamente dos países, nós tínhamos contato com os países, essa documentação que mostrava a luta do povo contra essas ditaduras. Essa documentação nós ~~publicamos~~ <sup>onde</sup> em 12 volumes e em microfilmes e microfichas, que eram vendidas nas Universidades da Europa, dos Estados Unidos, e também quando se conseguia mandava para a América Latina. Esse Centro foi transferido para o Canada em 75, foi transferido para a Universidade de Montreal, e nós trabalhamos três anos na Universidade de Montreal nesse Centro de documentação. Em 78 nós voltamos para o Brasil, e voltamos para a Escola de Serviço Social, primeiro lecionando Política, depois lecionando Planejamento de mestrado, EPB no mestrado, Administração de programas sociais, e paralelamente a esse ensino faz-se mil coisas. Fizemos uma pesquisa em Crateús, no Ceará, com um grupo de alunos, esse ano em fevereiro, vamos em janeiro do ano que vem a Paulo Afonso fazer uma outra pesquisa, um levantamento de populações lá, com alunos em missão de férias para que os alunos conheçam a realidade brasileira. Eu me esqueci de dizer que eu fui presidente do CRAS, que nós organizamos ~~o~~ toda parte de regimento. Fui professora na UERJ, fui professora na Federal, continuei ligada à Federal, fazendo parte de banca, dando orientação a mestrandos.

RRM - Uma vida riquíssima, não é?

MJRA - Bom, é comprida, 46 anos de profissão, tinha lugar para fazer muita coisa, quem sabe muito mais. Andei escrevendo uns livrinhos por aí, por exemplo, Aspectos Sociais da Reabilitação de Favelas; Serviço Social do Menor; Serviço Social da Família; Assistência Social; Serviço Social no Trabalho, tem muita coisa por aí escrita. E artigos, meu TCC foi Assistência ao Menor, eu comecei querendo ser Assistência ao Menor no Mundo, mas depois fui mais humilde <sup>e escrevi sobre</sup> com Assistência ao Menor no Rio de Janeiro, que foi publicada na revista Ordem de 37.

Rio de Janeiro, de dezembro de 1984.